Por Maria Paula
mariapaula.df@dabr.com.br



Canguru no Cerrado!



Antes de aprender a falar, a andar ou mesmo a enxergar o mundo com nitidez, o ser humano já sabe sentir. A pele é uma de nossas primeiras linguagens. Muito antes de nascer, já percebemos o movimento e, à medida que a audição se desenvolve, os ritmos e os sons abafados que atravessam o corpo materno.

Nosso primeiro universo tem uma espécie de trilha sonora. O coração de nossa mãe marca o compasso.

Então, chega o nascimento. Mudam a luz, a temperatura, os ruídos. Os pulmões assumem a tarefa de respirar. E, no meio de tanta novidade, há algo familiar na voz que se aproxima, no calor do peito, nas mãos que sustentam o corpo inteiro. Talvez seja assim que começamos a aprender, muito antes de poder dizê-lo, que o mundo pode ser um lugar seguro.

Para um bebê que nasce prematuro ou com baixo peso, essa passagem exige cuidados especiais. É aí que a neonatologia encontra, no gesto antigo de trazer um bebê junto ao peito, um recurso de extraordinário valor clínico. O contato pele a pele ajuda a manter a temperatura corporal. Com o apoio à amamentação, ele está no centro do Método Canguru, que reduz o risco de hipotermia, infecções e morte entre recém-nascidos prematuros ou de baixo peso.

O que sempre foi prática intuitiva entre povos tradicionais que amarram os bebês ao corpo da mamãe, virou método, no fim da década de 1970, em Bogotá, e foi incorporado à política de saúde brasileira em 2000. No SUS, ele se traduz também em abrir espaço para a família na unidade neonatal, ensinar mães e pais a reconhecerem os sinais do bebê e a manterem o acompanhamento depois da alta. Para uma mãe ou um pai que passou horas acompanhando cada número no monitor, aprender a perceber quando o filho precisa de uma pausa é também uma maneira de ganhar confiança para cuidar dele.

De 18 a 21 de novembro, Brasília recebe o XV Encontro e Congresso Internacional sobre o Método Canguru e o II Congresso Brasileiro sobre o Cuidado Canguru. Terei a honra de participar da mesa de abertura como Embaixadora da Paz. E quero estender o convite à cidade. Nos dias 20 e 21, a programação do congresso será aberta ao público, com espaço também para as experiências das famílias (*cuidadocanguru.com.br*).

São 49 participantes internacionais de 18 países. Da Colômbia, onde essa história começou, chegam pessoas de quatro cidades, entre elas Bogotá. O México, o Panamá e os Estados Unidos também estarão representados. Da Europa vêm participantes da Espanha, da França, da Itália, da Noruega, da Suécia e da Suíça. E o caminho até o Cerrado passa ainda pela África do Sul, por Madagascar e pelo Malawi, pela Índia, pela Mongólia, pelas Filipinas, pela Indonésia e pelo Vietnã.

Já estou imaginando o que pode acontecer quando alguém de Bogotá, alguém de Manila e alguém de Zomba se sentam à mesma mesa para discutir uma pergunta tão concreta quanto esta: como fazer para que uma família possa permanecer junto de seu bebê durante a internação? Em um lugar, a resposta pode começar por uma poltrona ao lado da incubadora. Em outro, por rever as regras de acesso à unidade neonatal. É nessas conversas que uma ideia nascida em uma cidade pode mudar a rotina de um hospital do outro lado do mundo.

Sei o que significa abrir espaço para alguém justamente quando essa pessoa mais precisa de nós. Numa unidade neonatal, isso pode ser tão concreto quanto aproximar uma cadeira, acomodar um bebê contra o peito de quem o ama e dar aos dois tempo para ficarem ali. Às vezes, o extremo da sofisticação é ter a pele como continente.